



## PARA ENSINAR OS SINAIS DE PONTUAÇÃO

### HOW TO TEACH PUNCTUATION

*Lou-Ann Kleppa<sup>1</sup>*

#### RESUMO

Este é um estudo exploratório e qualitativo sobre os sinais de pontuação. Nosso percurso argumentativo inicia-se na descrição de uma amostra de cinco gramáticas brasileiras, passa por outra amostra de quatro manuais e guias de pontuação, descreve diversos estudos produzidos no âmbito da Linguística, explora três exemplos de autores que, na literatura ficcional, criaram seu estilo através de sinais de pontuação e por fim faz apontamentos a quem ensina a usar os sinais de pontuação. Neste percurso, procuramos entender o que são os sinais de pontuação (cada autor lista itens diferentes) e quais são suas funções. Uma vez definidos os critérios para se chegar à natureza dos sinais de pontuação, suas funções são exploradas. Notamos que enquanto as gramáticas lançam mão da noção de pausa, nem todos os guias e manuais percebem sua função prosódica. Entre os linguistas, somente aqueles que estudam sinais específicos (e não o sistema de pontuação) consideram a dimensão prosódica dos sinais analisados. Já as funções sintáticas destes sinais gráficos são abordadas em gramáticas, manuais, guias e estudos linguísticos. Nos estudos desenvolvidos no âmbito da Linguística, além da função sintática, a função enunciativo-discursiva dos sinais é explorada – o que abre caminho para o sujeito que pontua, as possibilidades de escolha e o uso criativo dos sinais de pontuação. Por fim, oferecemos ideias de como se pode ensinar a usar os sinais de pontuação: além de observar, experimentar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sinais de pontuação; Funções enunciativo-discursivas; Sujeito; Estilo.

#### ABSTRACT

This is an exploratory and qualitative study on punctuation signs. Our argumentative course begins with the description of a sample of five Brazilian grammars, goes through another sample of four manuals and punctuation guides, describes several studies produced in the field of Linguistics, explores three examples of authors who, in fictional literature, created their style through punctuation marks and finally makes notes to those who teach how to use punctuation marks. In this journey, we tried to understand what punctuation marks are (each author lists different items) and what are their functions. Once the criteria for arriving at the nature of punctuation marks are defined, their functions are explored. We note that while grammars make use of the notion of pause, not all guides and manuals perceive the prosodic function of punctuation marks. Among linguists, only those who study specific signs (and not the punctuation system) consider the prosodic dimension of punctuation marks they examine. The syntactic functions of punctuation marks are covered in grammars, manuals, guides and linguistic studies. In studies developed in the field of Linguistics, in addition to the syntactic function, the enunciative-discursive function of signs is explored - which opens the way for the subject who punctuates, the possibilities of choice and the creative use of punctuation marks. Finally, we offer ideas on how to teach punctuation marks: besides observing, experimenting.

**KEYWORDS:** Punctuation marks; Enunciative-discursive functions; Subject; Style.

---

<sup>1</sup> Professora Associada do Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e editora da EDUFRO. E-mail: [kleppa@unir.br](mailto:kleppa@unir.br).

## Introdução

Desde a invenção da escrita, as culturas letradas escrevem e refletem sobre o processo de escrita, o seu produto e a questão da autoria. Uma vez que o sistema alfabético tinha alcançado estabilidade, foi introduzido paulatinamente na escrita um sistema tipográfico cuja função primeira era otimizar a legibilidade do texto: o sistema dos sinais de pontuação. “Gradualmente passou-se a separar as palavras e introduziu-se a pontuação” (ARAÚJO, 2008, p. 380). Foi necessário muito tempo e esforço padronizador das casas editoriais para chegarmos ao sistema de sinais de pontuação atual:

O sistema de pontuação que temos hoje não foi planejado por um grupo de linguistas ou designers, mas evoluiu gradativamente ao longo de vários milênios pelas mãos de artesãos. Ele foi constituído pelos autores, escribas e técnicos envolvidos na editoração de textos que aos poucos vislumbravam maneiras de tornar a leitura mais eficiente, adicionando símbolos à linguagem que tornavam visível. (KRAHN, 2014, p. 24, tradução minha<sup>2</sup>)

Em tempos em que poucos dominavam a técnica da escrita e a escrita era emendada (sem os espaços em branco entre as palavras), a leitura em voz alta era comum (MOORE, 2016). A leitura passou por profundas transformações no decorrer do tempo: com a obrigatoriedade do ensino escolar, formou-se uma grande massa de leitores. Esses leitores tinham agora autonomia para ler para si mesmos, ou seja, a leitura passou a ser silenciosa. Coube aos gramáticos racionalizar e regulamentar os usos dos sinais de pontuação.

Atualmente os sinais de pontuação são apresentados em gramáticas, guias específicos (de redação, de editoração, de pontuação) e livros didáticos e paradidáticos infantis. Como veremos, nesses materiais não há consenso a respeito do inventário dos sinais de pontuação, nem acerca de sua natureza e de suas funções. O que o público em geral tem à disposição para consulta acerca do funcionamento do sistema de sinais de pontuação são as gramáticas, guias e manuais que estabelecem, no plano genérico, uma relação estreita entre oralidade e escrita, mas, no plano específico, consideram principalmente as funções sintáticas dos sinais de pontuação.

Este é um estudo exploratório sobre diversas fontes de conhecimento acerca dos sinais de pontuação. O percurso inicia-se na descrição de uma amostra de cinco gramáticas brasileiras, passa por outra amostra de quatro manuais e guias de pontuação, alcança estudos produzidos no âmbito da Linguística, recorre a três autores que, na literatura ficcional, criaram seu estilo através de sinais de pontuação e por fim faz apontamentos a quem ensina a usar os sinais de pontuação. Adotamos este percurso para que o leitor tenha como ponto de partida aquilo que o senso comum considera a regra, o certo; e como ponto de chegada os usos dos sinais de pontuação – que mudam conforme a época, o gênero textual, o suporte, o autor.

---

2 No original: “The punctuation system we have today was not designed by a group of linguists or designers but aid gradually evolved over several millennia at the hands of craftsmen. It was designed, in a way, by the writers themselves, the scribes and later technicians involved in the printing trade, who gradually saw some ways to make reading more efficient and understandable by adding symbols to the language that they were making visible.”

Ninguém jamais foi capaz de definir um conjunto de regras que explicam todos os usos dos sinais de pontuação. [...] As práticas variam muito entre a escrita formal e informal, Reino Unido e América, entre a página e a tela, de uma editora para outra, de um autor para outro, entre uma geração e outra. (CRYSTAL, 2007, p. 133, tradução minha<sup>3</sup>)

Neste percurso, perceberemos que a função prosódica dos sinais de pontuação (que as gramáticas, guias e manuais relacionam com a oralidade em geral) perde força explicativa quando ligada à voz (voz interior?) e permanece residual quando ligada à leitura em voz alta: um estudo piloto desenvolvido por Cunha e Porto (2020) revela que, na leitura em voz alta, as pausas incidem com alta frequência onde há pontos, não coincidem com todas as vírgulas e são realizadas independentemente dos sinais de pontuação (incidindo na fronteira entre sujeito e predicado, por exemplo). Partimos dos textos prescritivos, em que a unidade de análise é a sentença, para chegarmos na literatura ficcional, em que o texto e sua espacialidade são mais relevantes que cada sentença isoladamente. É na literatura que encontraremos exemplos de usos coesivos dos sinais de pontuação – ou seja, usos que extrapolam a fronteira da sentença. As funções sintáticas dos sinais de pontuação, tão centrais para gramáticas, manuais e guias, passam a ser, na Linguística, coadjuvantes de funções discursivas, pragmáticas ou ainda enunciativas.

Não há tradição teórica na Linguística que eleja os sinais de pontuação como objeto de análise. Os estudos desenvolvidos na Linguística e Linguística Aplicada sobre sinais de pontuação partem, em geral, de usos concretos, portanto dialogam com posturas teóricas centradas no uso, na informação e no sujeito.

O esforço deste texto é perceber os sinais de pontuação como um sistema (inserido no sistema da escrita) que contribui para a textualidade. Apresentamos aqui um panorama não exaustivo de como os sinais de pontuação são abordados por diferentes autores e esperamos contribuir para uma percepção mais integrada dos sinais de pontuação e do ato pontuatório – para oferecer propostas de ensino de uso dos sinais de pontuação.

### **Sinais de pontuação nas gramáticas**

É preciso lembrar que as gramáticas normativas têm pretensão pedagógica, ou seja, lidam com o que pode trazer dificuldades ao aprendiz, partem do exemplo (coletado na “boa literatura”) para traçar regras – e exceções. Não tratam da natureza dos sinais de pontuação, nem de suas funções (ou mesmo intenções comunicativas do escrevente), mas mostram como e quando se deve pontuar corretamente (RODRIGUES e CIDADE, 2021).

Consultamos cinco gramáticas normativas de autores diferentes (é importante salientar que no Brasil, as gramáticas são escritas por autores; diferentemente de dicionários, que são

---

3 No original: “No one has ever been able to define a set of rules which will explain all uses of all punctuation marks. [...] Practice varies so much between formal and informal writing, between Britain and America, between page and screen, between publisher and publisher, between author and author, between generation and generation.”

elaborados por equipes de pessoas) e percebemos que, apesar de (quase) todas apresentarem os sinais de pontuação em suas últimas páginas, o inventário dos sinais de pontuação não é consensual. Procuramos por gramáticas publicadas em períodos diferentes: anos 70, quase 80, anos 90, 2000 e 2018. Trata-se de gramáticas referenciadas, usadas no contexto escolar e universitário.

**Quadro 1** - Inventário dos sinais de pontuação nas gramáticas consultadas

| Rocha Lima (1972)     | Almeida (1979)        | Savioli (1991)  | Cunha & Cintra (2001) | Azeredo (2018)        |
|-----------------------|-----------------------|-----------------|-----------------------|-----------------------|
| Ponto final           | Ponto final           |                 | Ponto                 | Ponto                 |
| Ponto simples         |                       |                 |                       |                       |
| Ponto parágrafo       |                       |                 |                       |                       |
| Ponto e vírgula       | Ponto e vírgula       | Ponto e vírgula | Ponto e vírgula       | Ponto e vírgula       |
| Vírgula               | Vírgula               | Vírgula         | Vírgula               | Vírgula               |
| Dois pontos           | Dois pontos           | Dois pontos     | Dois pontos           | Dois pontos           |
| Travessão             | Travessão             | Travessão       | Travessão             | Travessão             |
| Parênteses            | Parênteses            | Parênteses      | Parênteses            | Parênteses            |
| Ponto de interrogação | Ponto de interrogação |                 | Ponto de interrogação | Ponto de interrogação |
| Ponto de exclamação   | Ponto de exclamação   |                 | Ponto de exclamação   | Ponto de exclamação   |
| Reticências           | Reticências           | Reticências     | Reticências           | Reticências           |
|                       | Aspas                 | Aspas           | Aspas                 | Aspas                 |
|                       | Parágrafo             |                 |                       |                       |
|                       | Chave                 |                 |                       |                       |
|                       | Colchetes             |                 | Colchetes             |                       |
|                       | Asterisco             |                 |                       |                       |

Carlos Henrique da Rocha Lima (1972, p. 422-423) organiza os sinais de pontuação em três categorias: aqueles que marcam (i) pausa que não quebra a continuidade do discurso; (ii) pausa indicadora do término do discurso e (iii) pausa para frisar intenção ou estado emotivo. Napoleão Mendes de Almeida (1979, p. 570) igualmente trabalha com uma tríade, porém com outras categorias: para este autor, os sinais de pontuação são (i) objetivos; (ii) subjetivos e (iii) distintivos. Francisco Platão Savioli (1991, p. 112-118) apresenta numa mesma lição (lição 12) apenas seis sinais – e a vírgula é assunto para duas outras lições (lições 6 e 11). O autor explica que optou por apresentar apenas os sinais que ofereceriam dificuldades de emprego. Celso Cunha e Lindley Cintra (2001, p. 643-669) dividem os sinais de pontuação em dois grupos: (i) os que marcam sobretudo a pausa e (ii) os que marcam sobretudo a melodia. Por fim, José Carlos de Azeredo (2018, p. 559-570) apresenta os sinais de pontuação no anexo de sua gramática. Para este autor, os sinais são usados (i) para fins estéticos, (ii) indicação de pausa, (iii) sinalização da entoação e (iv) para individualização de algum segmento.

Como se vê, não há consenso, entre os gramáticos, quanto aos integrantes do grupo de sinais de pontuação (parece haver um núcleo de dez sinais), nem quanto às suas funções. Claro está, no entanto, que as funções são várias e que há, no sistema de sinais de pontuação, espaço

para a manifestação do sujeito: o uso *estético*, os sinais *subjetivos* e os sinais que marcam *intenção ou estado emotivo*. Para os autores que trabalham com essas categorias, cabe às reticências, exclamação e interrogação marcar essa postura enunciativa.

Nas gramáticas normativas examinadas, a pausa exerce papel fundamental – estabelecendo assim relação direta entre a fala e a escrita – extrapolando o par leitura & escrita. Nas palavras de Rodrigues e Cidade (2021, p. 130): “[...] não há aprofundamento sobre o que é e como se dá o fazer pontuacional de fato na Língua Portuguesa. Ao aproximarem fala e escrita em suas definições, os gramáticos desconsideram as especificidades da língua escrita e da língua oral.” Todas as gramáticas analisadas apontam para a riqueza de recursos expressivos observáveis na oralidade e assumem que os sinais de pontuação funcionam como seus equivalentes na modalidade escrita.

Em vários autores analisados, pode-se perceber uma relação imediata escrita/leitura, uma vez que os sinais gráficos devem orientar a leitura. Mas parece que, a partir de certo momento, os autores estenderam a relação à fala, o que passou a falsear a visão da própria pontuação. (JUNKES, 1995, p. 23)

Por fim, é de se notar que as gramáticas consultadas concebem os sinais de pontuação como operadores que incidem sobre a sentença. Os exemplos e as regras de pontuação referem a sentenças isoladas, recortadas de seus textos originais, sem relação com a textualidade em que foram construídas. Por mais que os exemplos citados nas gramáticas sejam abonações (exemplos colhidos da literatura canônica), o texto ficcional não é explorado nessas gramáticas como uma unidade de sentido; o gesto de escrever um texto não é entendido como um processo de invenção que se completa com a leitura, em que o leitor tem a tarefa de identificar a estrutura básica do texto (HANSEN, 2019).

### **Sinais de pontuação em manuais e guias**

No mercado editorial, existem diversos manuais e guias de pontuação. Alguns são especificamente voltados para a vírgula, outros para “a entonação correta de frases”, muitos se resumem a dicas e macetes para “nunca mais errar pontuação”. Os manuais e guias de pontuação/estilo consultados para este estudo formam uma amostra de quatro livros, compatível em termos de quantidade com a amostra de gramáticas consultadas na seção anterior. Foram publicados na mesma década, são voltados a públicos variados e em geral oferecem um inventário maior de sinais de pontuação que as gramáticas.

Além dos dez sinais elencados por Azeredo (2018), Dacanal (2016) adiciona o hífen. Ferrarezi (2018) adiciona aos dez sinais básicos a barra; enquanto Lukeman (2011) acrescenta aos dez básicos a mudança de seção, o parágrafo, itálico e hífen. Por fim, Martins Filho (2016) trabalha com os dez básicos das gramáticas mais apóstrofo, asterisco, barra, colchetes e chaves.

**Quadro 2-** Inventário dos sinais de pontuação nos manuais e guias consultados

|         | Lukeman (2011)                                  | Dacanal (2016)                                | Martins Filho (2016)                              | Ferrarezi (2018)                              |
|---------|---|---|---|---|
| básicos | [.] [,] [;] [:] [-] [!] [?] [...] [“ ”] [( )]   | [.] [,] [;] [:] [-] [!] [?] [...] [“ ”] [( )] | [.] [,] [;] [:] [-] [!] [?] [?] [...] [“ ”] [( )] | [.] [,] [;] [:] [-] [!] [?] [...] [“ ”] [( )] |
| extras  | mudança de seção, parágrafo, <i>itálico</i> [-] | [-]   | ['] [*] [/] [[]] [{}]                             | [/]   |

As abordagens das funções dos sinais de pontuação apresentam grande diversidade. Enquanto Dacanal (2016) propõe uma teorização acerca das funções sintático-semânticas da pontuação (com exemplos e tipologias de erros – *vírgulas absurdas e aberrantes, pontuação deselegante, pontuação carregada* etc.), Ferrarezi (2018) trata tanto os acentos gráficos como os sinais de pontuação como diacríticos (ou seja, como se fossem anotações acerca da prosódia). Já Lukeman (2011), ele mesmo um editor, escreve para escritores, propondo exercícios de escrita. O último, o *Manual de editoração e estilo* de Martins Filho, é voltado a editores e diagramadores e pretende ser normalizador quanto à forma e ocorrência dos sinais de pontuação (elencando tipos de aspas, mede o tamanho do travessão, explica regras de absorção etc.). Este autor trata das funções sintáticas (relacionadas à pausa) e discursivas dos sinais de pontuação. Exceto Dacanal (2016), os autores de guias e manuais partem do princípio de que a oralidade conta com uma paleta muito maior de recursos expressivos (entonação, gesto, expressão etc.); e que a escrita representa – com suas limitações – a fala.

[...] a antecedência filo e ontogenética [da oralidade], a leitura em voz alta e a função similar de construção sintática da entonação no oral e da pontuação no escrito respectivamente, mostram claramente a persistência, no imaginário coletivo [...] em pôr, de maneira incondicional, a voz – nas suas realizações fônicas e nas suas recepções acústicas – como origem absoluta do todo.” (DAHLET, 2006b, p. 298-299)

### Prescrever o ideal, descrever o uso

Por mais que os autores de gramáticas e guias trabalhem com critérios e categorias diferentes, o que se perde de vista nos textos normativos é a possibilidade de variação. Do ponto de vista diacrônico, por exemplo, a pontuação segue tendências. Os modos de pontuar em textos do século XIX são diferentes daqueles que observamos na escrita informal nas redes sociais. McCulloch (2019, posição 1615 e 1679, tradução minha<sup>4</sup>) descreve algumas tendências da escrita informal na internet:

4 No original: “The dot dot dot is especially perilous. For people with experience of informal writing offline, it’s a generic separation character, just as we saw. But for internet-oriented writers, the generic separator is the linebreak or new message, which has left the dot dot dot open to taking on a further meaning of something left unsaid.

[...]

[...] if you’re solidly in the linebreak camp, you see those extra dots or even just a single period where a linebreak or a message break would have sufficed, and assume that anything that takes more effort than necessary is a potential message.”

Os três pontinhos são especialmente perigosos. Para pessoas experientes na escrita informal off-line, eles são um sinal genérico de separação, como vimos. Mas para pessoas cuja escrita é voltada para a internet, o separador genérico é a quebra de linha ou nova mensagem, o que permite aos três pontinhos que assumam o significado de algo que não foi dito.

[...]

[...] se você está imerso no esquema da quebra de linha, você vê esses pontos extras ou mesmo o ponto final onde uma quebra de linha ou de mensagem seria suficiente e assume que qualquer coisa que demanda mais esforço que o necessário configura como uma potencial mensagem.

Em geral, os textos normativos não contemplam a pontuação nos diversos gêneros textuais porque seu escopo de análise é a sentença descontextualizada. Peças publicitárias, por exemplo, exploram a página e podem não encerrar com ponto final trechos graficamente separados na página. Dicionários, por outro lado, usam sinais de pontuação como organizadores do verbete de maneira consistente. Em artigos acadêmicos, os usos de aspas para o discurso citado e colchetes dentro das citações (tanto para sinalizar supressões [...] como inserções) são ordenadores das vozes no texto: a voz do autor citado entre aspas e a voz do autor que edita a citação do outro entre colchetes. Em romances, os diálogos dos personagens precisam ser graficamente marcados em relação à narrativa (ou não) e cada cultura literária lançará mão de estratégias próprias: aspas simples ou duplas, parágrafo novo, travessão, itálico ou alguma combinação das opções anteriores. Algumas traduções mudam a marcação gráfica dos diálogos (por exemplo, para citar um best-seller: *Harry Potter* no original apresenta cada fala de personagem entre aspas simples em parágrafo novo, já as traduções em português brasileiro da editora Rocco usam o travessão em parágrafo novo) justamente em função do público leitor.

Suportes, plataformas, gêneros diferentes demandam diferentes relações com o texto escrito – mas isso não significa que a escrita em geral muda. Desde que começou a circular, nas redes sociais, um estilo de escrita que subvertia as maiúsculas, realizava abreviações e acrônimos e dispensava pontos finais, os usuários da língua refletem sobre o destino da escrita. Se lembrarmos que a escrita nas redes sociais é informal e não editada, o temor da erosão da linguagem como um todo pode ser contido: a escrita padrão continua usando sinais de pontuação – mas não exatamente como preveem os textos normativos (CRYSTAL, 2015; McCULLOCH, 2019 e ANDROUTSOPOULOS, 2020).

Por fim, gramáticas, manuais e guias tratam os fenômenos linguísticos e os usuários da língua como se fossem homogêneos. Há estudos acerca da variação entre gêneros na comunicação digital: homens e mulheres escrevem – e portanto também pontuam – de maneiras diferentes porque demonstram propósitos diferentes (em geral, homens são menos propensos a enviar “mensagens de bom dia”) para a interação por escrito (BARON & LING, 2011, p. 55, tradução minha):

As participantes do estudo do sexo feminino se expressaram acerca da importância do uso de marcadores de pontuação ligados às emoções como

emojis, abreviações ou pontos de exclamação múltiplos tanto para expressar entusiasmo nas mensagens que elaboravam como para suavizar mensagens que poderiam parecer diretas demais. Em contraste, os participantes do sexo masculino relutaram em aderir a essas práticas (um fato notado pelas mulheres) e até mesmo se queixaram dos excessos (por exemplo, o uso de emoticons e letras repetidas na palavra) que observavam nas mensagens enviadas pelas participantes do sexo feminino<sup>5</sup>.

### Contribuições da Linguística para a descrição dos sinais de pontuação

Em relação ao inventário dos sinais de pontuação, vimos que gramáticas, manuais e guias enumeram diferentes itens. Na literatura produzida sobre sinais de pontuação na Linguística, percebemos que poucos autores fazem questão de delimitar o inventário de sinais de pontuação. Consideramos que apenas onze sinais sejam autônomos – que não necessitam do suporte alfabético (descartando, assim, maiúscula, itálico etc.). São eles: alínea, ponto, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, parênteses, aspas, travessão, exclamação, interrogação e reticências. Estes sinais têm forma e significado convencionalizados e não podem ser considerados sinais ortográficos porque não incidem exclusivamente sobre a palavra. Todos têm efeito sobre a sentença e/ou o texto escrito e nenhum deles é decomponível em unidades menores (como, por exemplo, os morfemas de uma palavra). Assumimos que os critérios da autonomia gráfica e da incidência (sentença e texto) sejam pertinentes. Assumimos que, além das unidades sintáticas abordadas pelas gramáticas, guias e manuais, é preciso considerar as unidades do texto escrito. Assim, além dos dez sinais básicos das gramáticas, manuais e guias, contamos com a alínea (o branco que diferencia um parágrafo de outro).

Em relação às abordagens dos autores, por um lado, encontramos autores que estudam algum(ns) sinal(is) específico(s) – vírgula e ponto, como é o caso de Tenani e colegas; ponto e vírgula, como é o caso de Watson (2019); ponto, como é o caso de Rodrigues & Cidade (2021) ou as aspas, como é o caso de Schlechtweg & Härtl (2020). Por outro lado, identificamos autores que estudam o sistema de sinais de pontuação, como é o caso de Nunberg (1990), Dahlet (1995, 2002, 2006 a,b), Junkes (1995), Rocha (1998), Bernardes (2002), Dallarosa (2013), Krahn (2014) e Kleppa (2019, 2021).

Observamos a tendência de autores que tratam do *sistema de sinais de pontuação* atribuírem grande autonomia ao texto escrito, ao passo que autores (exceto Watson) que lidam com sinais específicos tratam da relação entre oralidade e escrita/ leitura e escrita: Tenani (2020) e Soncin e Tenani (2015) fornecem análises de redações de alunos que apontam para relações entre as funções das marcas prosódicas e as funções dos sinais de pontuação. As autoras observam a

---

5 No original: “Female members of the focus groups were vocal about the importance of using emotion-tinged punctuation markers such as smileys, lexical shortening, or multiple exclamation points, both to express their “enthusiasm” for the communications they were crafting as well as to soften messages that might otherwise seem overly direct. By contrast, males were reluctant to engage in such practices (a fact noted by the females), and even complained about the excesses (e.g., use of emoticons, repeated letters in words) they observed in texts sent by females.”

tendência geral de fazer a pontuação coincidir com a frase entoacional em textos produzidos por um público mais ou menos uniforme inserido no processo de aprendizagem do pensar por escrito, em que o formato do texto está dado de antemão: dissertação, carta etc. Já Schlechtweg e Härtl (2020) examinam a realização prosódica das aspas quando sujeitos executam a leitura em voz alta e relatam como as aspas escritas no papel são pronunciadas na leitura.

No grupo dos autores que conferem autonomia ao texto escrito, Nunberg (1990) é um dos primeiros linguistas a defender que os sinais de pontuação não representam a fala, pois nasceram e foram convencionalizados na escrita. Sua contribuição teórica diz respeito às funções que os sinais de pontuação assumem no texto escrito: *separar*, *delimitar* e *marcar* (distinguir do entorno). Cada sinal assume uma ou mais dessas funções – que são metalinguísticas. Teríamos então a seguinte constelação:

Alínea *separa* um parágrafo do outro.

Ponto *separa* uma sentença da outra.

Ponto e vírgula *separa* duas orações autônomas e unidades em enumerações complexas.

Dois pontos *separa* informação dada de informação nova.

Vírgula *separa* unidades equivalentes entre si (tópico de comentário; sintagmas na enumeração; orações coordenadas);  
*delimita* (quando dupla) segmentos removíveis (aposto, vocativo, encaixada) e *marca* elipse.

Travessão *separa* uma elaboração do resto da sentença (um comentário);  
*delimita* o que pode ser removido (quando duplo);  
*marca* diálogos.

Parênteses *delimitam* unidades de extensão e complexidade variada e que podem ser removidos porque subvertem a leitura linear.

Aspas *delimitam* e *marcam* o discurso citado;  
*marcam* suspensão de significado conotativo (ironia); o distanciamento do autor em relação ao dito; a palavra/expressão ela mesma (metalinguagem).

Interrogação *marca* perguntas.

Exclamação *marca* exaltação.

Reticências *marcam* ausência/supressão.

Já Dahlet (2002, p.37 e 38) separa os sinais de pontuação em duas grandes classes: os sinais segmentadores/sequenciadores e os sinais enunciativos, que dão pistas de suas funções sintáticas e discursivas. Para a autora, no texto escrito, os sinais de pontuação operam exercendo

funções sintáticas (que apontam para as próprias unidades que constituem o texto escrito) e funções enunciativo-discursivas (que apontam para a enunciação):

- Primeira classe: [alínea] [.] [;] [:] [,] [...]
- Segunda classe: os sinais enunciativos
- as marcas do discurso citado: [“ ”] [itálico] [travessão de diálogo];
  - os marcadores expressivos: [letra de forma] [sublinhado] [itálico] [travessão]
  - os hierarquizadores discursivos: [:] [- -] [( )]
  - os marcadores de modalidade enunciativa: [?] [!] [...]

Essa constelação de funções é assinalada por outros autores, como aponta Junkes (1995, p. 65): “J. Anis [...] propõe que a uma pontuação sintagmática, demarcativa, sintática, que distingue blocos, se associe uma pontuação polifônica (termo emprestado de O. Ducrot), ou enunciativa, que hierarquiza planos.” Sejam quais forem os nomes dados às funções, o denominador comum é que os sinais de pontuação são operadores metalinguísticos: são sinais linguísticos que atuam sobre o escrito – em sua linearidade (segmentando) e discursividade (remetendo ao ato enunciativo).

A partir do momento em que se abre a função para o enunciado, o enunciador (autor) entra em cena. Para Dahlet (1995, p. 340, grifos no original), “o *scriptor*, através do ato pontuatório, faz a sua parte enquanto enunciador, e coloca-se a si mesmo em jogo.” Os sinais de pontuação não apenas marcam fronteiras de constituintes, mas atendem aos propósitos comunicacionais daqueles que pontuam seus textos.

Considerando que as categorizações de Nunberg (1990) e de Dahlet (2002) são complementares, propomos o seguinte esquema, que evidencia um contínuo entre as funções sintáticas e enunciativo-discursivas, porque são cumulativas:

**Quadro 3** - Cruzamento de categorias teóricas para descrever os sinais de pontuação

|                 | SEPARAR   | DELIMITAR                                  | MARCAR                                  |
|-----------------|---|--|---|
| alínea          | parágrafos  |  |   |
| ponto           | sentenças   |  |   |
| ponto e vírgula | orações, enumerações  |  |   |
| dois pontos     | tema-rema   |  |   |
| interrogação    | sentenças   |  | pergunta                                |
| exclamação      | sentenças   |  | exaltação                               |
| reticências     | unidades variadas   |  | ausência                                |
| parênteses      |   | unidades variadas, o que pode ser removido | leitura não-linear                      |
| aspas           |   | citação, expressão ou palavra              | distanciamento, dupla voz/duplo sentido |
| vírgula         | tópico de comentário, oração subordinada invertida, adjunto topicalizado, itens em lista, orações coordenadas | aposto, vocativo, encaixada                | elipse                                  |
| travessão       | um adendo na sentença   | o que pode ser removido                    | diálogos                                |
|                 | Sequenciadores  |  | Marcadores enunciativos                 |

Como se pode verificar no Quadro 3, alínea, ponto, ponto e vírgula e dois pontos exercem apenas funções sintáticas, ao passo que interrogação, exclamação, reticências, parênteses e aspas exercem tanto funções sintáticas (separar e delimitar) quanto enunciativo-discursivas (marcar). Por fim, observamos que vírgula e travessão são os sinais mais polivalentes: separam, delimitam e marcam – ou seja, exercem funções sintáticas e enunciativo-discursivas.

Observamos ainda que apenas interrogação, exclamação e reticências, que Dahlet chama de *marcadores da modalidade enunciativa*, podem ser repetidos (?????) para marcar ênfase ou combinados entre si (...!). Com os outros sinais, especialmente os segmentadores/separadores, o autor não tem essa liberdade (combinar vírgula com dois pontos, por exemplo, ou reiterar ponto e vírgula). No entanto, a marca de autoria não reside exclusivamente nestes sinais, como veremos.

Em Bernardes (2002) e Dallarosa (2013), o foco se volta para o sujeito que escreve e interpreta o próprio texto em suas unidades e segmentações possíveis. Ao tomar como objeto textos de colegas universitários, Dallarosa (2013, p. 66-67) aponta que “A pontuação é um dos mecanismos que indica a subjetividade do sujeito na escrita [...]” Bernardes (2002) trabalha com o conceito de pontuabilidade, ou seja, as segmentações (virtuais) que a língua oferece e aquelas que o autor instala no texto escrito através da pontuação. Com o conceito de pontuabilidade, podemos estender a marca de autoria, a intenção comunicativa e a capacidade inventiva do autor a todos os sinais de pontuação, não é mais preciso categorizar quais sinais “revelam o autor”.

Dahlet, Rocha (1998) e Bernardes apontam para a grande flutuação no uso dos sinais de pontuação – principalmente na literatura ficcional – e fornecem análises de estilo criado a partir de usos peculiares dos sinais de pontuação em textos literários. As autoras observam estilos diversos em sujeitos específicos que apostam no poder criador da palavra e na capacidade do texto de ensinar como deve ser lido.

### **Textos ficcionais em que a pontuação marca o estilo**

Escrever significa fazer uso de alguma tecnologia manual e simultaneamente dar forma e conteúdo a um texto. Entendemos que o gesto de escrever (FLUSSER, 1997) implica num diálogo com outros textos (o autor é leitor), com o leitor (escreve-se para o outro) e com a própria língua (escrever é refletir sobre a língua). Neste sentido, pontuar um texto é orientar sua leitura para uma certa interpretação. Com Bernardes (2002, p. 58, grifos no original), entendemos “estilo como uma marca deixada na escrita, um vestígio daquele que escreve.” Não nos arriscamos a fechar interpretações dos usos dos sinais de pontuação nos exemplos a seguir porque acreditamos que o sentido de um texto não está em si mesmo. Os três casos que seguem não são da ordem do repetível, mas da ordem do exemplar, que serve como ilustração de uso criativo dos sinais de pontuação. Cada um deles é melhor apreciado no romance em que

foi publicado, já que os autores exploram a mancha textual e a experiência de leitura (que uma citação aqui não conseguiria ilustrar).

Os dois romances de Raduan Nassar, *Um copo de cólera* e *Lavoura arcaica*, são escritos num jorro verbal. Diversos sinais organizam todo o corpo de cada capítulo. O ponto final é o único sinal finalizador – e ocorre apenas no fim de cada capítulo. Reticências, pontos de interrogação e exclamação não encerram sentenças, pois o que há depois deles segue em letras minúsculas. As várias vírgulas que segmentam as unidades discursivas não hierarquizam o texto, apenas marcam a sucessão (desenfreada). Cada um dos sete capítulos de *Um copo de cólera* é uma enorme frase, o que tem um efeito sobre o processo de leitura e o ritmo do texto. Em *Lavoura Arcaica* (composto de 30 capítulos), observamos o mesmo estilo de pontuação – exceção são os capítulos 13 e 23 a 27.

Entendemos o ritmo como recriação da oralidade na escrita – que não se iguala necessariamente ao fluxo sonoro, que é da ordem da performance e variável a cada execução (o estudo de Cunha e Porto (2020) capturou variações nas duas leituras em voz alta do mesmo texto realizadas pelas informantes). As adaptações de *Lavoura arcaica* e *Um copo de cólera* para o cinema recriam o texto à sua maneira e causam a impressão de fúria verborrágica.

Nenhuma leitura é neutra, asséptica, motivada exclusivamente por fatores linguísticos em estado puro (sejam eles sintáticos, prosódicos, enunciativos etc.). A pontuação torna visível essa tensão entre aquilo que é da ordem da subjetividade e que emerge através da segmentação no texto. (BERNARDES, 2002, p. 42-43)

Lourenço Mutarelli é um autor que produziu quadrinhos antes de publicar seu primeiro romance, *O cheiro do ralo*, em 2002. Descrições da cena, narração e falas de personagens são organizadas em parágrafos curtos e distintos, o que faz com que a mancha textual se concentre na margem esquerda da página. As frases-parágrafo curtas e indistintas (as falas dos personagens não são diferenciadas da narrativa através de aspas, travessão ou itálico) imprimem um ritmo acelerado à leitura.

Não é à toa, pois, o fascínio que este sistema de sinais despertou e continua despertando em muitos escritores, que vislumbram na pontuação um mecanismo de criação, subversão e transformação do uso ordinário da linguagem escrita. Assim como a pontuação pode forjar uma via de leitura a ser seguida, ela também pode ser a própria marca das bifurcações possíveis do sentido [...]. (BERNARDES, 2002, p. 65)

Maria Gabriela Llansol, escritora portuguesa (e tradutora de Emily Dickinson, cuja marca são os travessões assinalando rupturas no texto) lembrada como autora que escreve sob o signo da ruptura, faz uso de sinais cheios (travessão) e vazios (o branco) para tecer uma escrita não linear, repleta de “buracos”. A descontinuidade e o fragmentário são graficamente representados através dos sinais de pontuação – que ali assumem novos sentidos. Tanto a escritora como o leitor interpretam os sinais do texto, não há garantias de transparência.

Para estes autores, a pontuação que marca seu estilo não se limita à sentença. Os usos (e ausências) peculiares de sinais de pontuação funcionam como articuladores textuais, elementos coesivos que criam um “engate de sentidos” (CORRÊA, 1994). O efeito é que o texto passa a ser encarado como uma construção, em que o sentido não está pronto, em que os sinais de pontuação assumem tanto um papel *orientador* [ou sintático] como *des-orientador* [ou polifônico] – o que contribui para a estética literária (DAHLET, 1998). E como o leitor se vê envolvido no processo, aprende a ler o texto enquanto o lê.

Por fim, os sinais de pontuação que “revelam” as marcas de autoria nos três autores exemplificados acima não são o ponto de exclamação, interrogação e reticências que as gramáticas chamam de *sinais subjetivos* (para uso estético). Se assumimos o conceito de pontuabilidade de Bernardes (2002), todos os sinais de pontuação podem ser usados para marcar a presença do enunciador no texto.

### **Para ensinar sinais de pontuação**

Como os sinais de pontuação fazem parte da escrita, consideramos que os sinais de pontuação devem ser ensinados nas aulas de leitura, escrita e sintaxe – e não em aulas sobre pontuação. Como vimos, é possível observar grande variação através dos gêneros textuais, das épocas em que os textos foram publicados etc. Com Camara (2006, p. 10), acreditamos que “[...] um trabalho que se limite a apresentar a base sintática como determinante do emprego dos diferentes sinais não possibilita ao aluno perceber finalidades expressivas quando do uso dos sinais gráficos numa determinada situação estética de ruptura.”

Além de observar, consideramos importante que os alunos experimentem, produzam, se relacionem ativamente com os sinais de pontuação. Há diversas formas de realizar isso. Sem a pretensão de esgotar as possibilidades, seguem sugestões – não um programa ou sequência didática.

A primeira clareza que o professor de língua portuguesa precisa ter acerca dos sinais de pontuação é que eles formam um sistema. Em nossa concepção, esse sistema é composto por onze sinais: alínea, ponto, dois pontos, vírgula, ponto e vírgula, travessão, parênteses, aspas, interrogação, exclamação e reticências. Esses sinais compartilham características que outros sinais (barra, hífen, maiúscula) não possuem: autonomia gráfica e local de incidência (fronteira de unidades sintáticas e unidades textuais).

Dentro de um sistema, cada unidade exerce funções específicas, mas algumas podem ter o mesmo valor que outras. Isso significa que é possível fazer escolhas. Tanto o ponto final como o ponto de exclamação são finalizadores de sentença, contudo, trocar um ponto final por um ponto de exclamação direciona para um determinado efeito de sentido. Sinais duplos delimitam unidades que podem ser removidas ou movidas no interior da sentença. Trocar as vírgulas que delimitam um aposto por parênteses, por exemplo, cria um efeito de sentido diferente. Enfim, a

proposta é comutar e avaliar o efeito da troca. Experimentar com os sinais de pontuação ajuda a perceber como eles operam na criação de significados no texto.

Uma proposta de exercício (que LUKEMAN, 2011 propõe) é que se reescreva um texto usando apenas o ponto final. Essa tarefa não consiste simplesmente em trocar todos os sinais empregados no texto original por pontos finais: é preciso planejar as sentenças subordinadas, coordenadas, correlatas e justapostas de outra maneira – não mais em uma sentença, mas em duas sentenças separadas. A própria estrutura das sentenças precisa ser reconfigurada para a ordem direta (sem topicalizações ou inserções). Através dessa atividade, o aluno perceberá que a pontuação não é colocada no texto depois que as palavras foram escritas, mas durante a escrita, já que os sinais de pontuação contribuem para a textualidade. O resultado dessa reescritura provavelmente terá um tom mais assertivo (ou dramático) que a primeira versão. Esse é o ponto: uma frase sem ponto é ou título ou fragmento, mas uma sequência de palavras terminada em ponto final é uma tese (BENNE, 2009). O ponto encerra unidades “completas” – como o são as *sentenças* (proferidas pelo juiz que formou uma opinião ao longo do processo e enuncia sua sentença).

Além de experimentar, outra proposta possível é inovar. Escritores ficcionistas criam um estilo próprio de pontuação pela consistência com que usam determinados sinais. Raduan Nassar reserva o ponto final para encerrar capítulos em seus romances; Lourenço Mutarelli usa a alínea de maneira consistente para criar um ritmo de leitura. Maria Gabriela Llansol usa travessões e alíneas no interior da sentença para criar uma forma textual que converge com o conteúdo. Esses usos dos sinais de pontuação não estão previstos nas gramáticas, guias e manuais de pontuação e são o que Dahlet (1998) chama de usos des-orientadores. O uso consistente de sinais des-orientadores ensina o leitor a ler o texto:

Se o texto é daqueles que nós já sabemos ler, então o oficiante [autor] não acredita no poder criativo do material que usa. Mas se o texto é daqueles que não sabemos ainda ler, ou que nos faz soletrar, ou que nos corta o ritmo do pensamento, então o oficiante escreve e sabe por que escreve e acredita no poder demiúrgico da palavra. A escrita, com todos os seus poderes está e estará entre nós. Por isso exigir-lhe-emos uma responsabilidade. Por isso ele há-de fazer-nos acreditar que tem uma função, a de recriar os seus materiais, e de com eles realizar mais, muito mais do que as palavras escritas nos dizem como sinais que são, negros sobre uma folha branca. (CASTRO, 1973)

Importa perceber que a pontuação pode ser colocada a serviço da intenção comunicativa do autor. As subordinadas desgarradas, por exemplo, deixaram de ser um desvio individual para se tornarem um fenômeno linguístico há pelo menos uma década (acompanhando os trabalhos de Beatriz Decat e Violeta Rodrigues). Rodrigues e Cidade (2021) tomam as desgarradas (orações subordinadas que, por serem separadas por ponto final da oração principal, ganham *status* de sentença) como objeto de estudo. Recorrendo a Dahlet, os autores explicam que a separação de uma unidade não segmentável cria um efeito argumentativo. Ao tratar do *ponto de argumentação*, Dahlet justifica:

O ponto pode, portanto, intervir em lugares não somente internucleares, mas também intranucleares, ou seja, nos níveis mais baixos, conhecidos por serem não segmentáveis pela pontuação. [...]

A segmentação nos mais baixos níveis constitui um fenômeno ainda mais notável, que contraria não só as práticas esperadas, como também as operações cognitivas [...]. Assim, o próprio fato de segmentar no coração da unidade sintático-semântica [...] isola graficamente e põe em relevo esse segmento: o peso da informação está focalizado no segmento em questão, que fica, então, rematizado. (DAHLET, 2006, p. 254)

O ponto final que confere a autonomia de sentença a uma oração subordinada é um uso inovador do ponto de vista dos textos normativos sobre sinais de pontuação. Através da experimentação (por contraste) e inovação, percebemos que os sentidos emergem do texto, não estão inscritos nas partes que o compõem.

Ainda vale propor outro tipo de atividade com os sinais de pontuação: mergulhar nas várias dimensões de um mesmo sinal. Uma proposta seria sortear os onze sinais e pedir que cada grupo trabalhe com o sinal sorteado. Explorar a dimensão gráfica dos sinais – desenhar ou buscar imagens que representem os sinais – é uma possibilidade. O mais antigo (e famoso) texto que explora as formas dos sinais de pontuação é *Im Reich der Interpunktionen* ('No reino da Pontuação'), de Christian Morgenstern. No campo do design gráfico, temos à disposição *Divertimento com sinais ortográficos* de Alexandre O'Neill (2015) e *This is me, period*, de Cowell e Hildebrand (2017). Buscas pelos sinais de pontuação no Google Imagens podem retornar resultados surpreendentes (tatuagens<sup>6</sup>, piadas gráficas, montagens poéticas). Brincar com a forma é uma possibilidade. Associar a forma a uma função demanda criatividade. No dia da entrega da atividade, todos mostrariam seus trabalhos e a turma teria a oportunidade de apreciar todo o sistema de sinais de pontuação.

Outra dimensão a ser explorada pelos alunos são as expressões usadas na oralidade: *Está decidido e ponto final. Ele fez uma cara de interrogação. Ela é simpática entre aspas, né, muitas aspas!* Pode-se fazer um levantamento dos sinais que são usados na fala (não são todos os sinais gráficos de pontuação que ganham corpo na oralidade – e isso já vale uma discussão) e o que eles significam nessas expressões. Aspas (e parênteses?) até mesmo são gestualizados. Contrastar as funções dos sinais de pontuação na oralidade e na escrita auxilia na percepção do sistema de sinais de pontuação. Perseguir os motivos pelos quais alguns sinais não são usados na oralidade pode iluminar o *status* desses sinais na escrita.

A última proposta é trabalhar com textos escritos (descrita por KLEPPA, 2019). Os onze sinais são sorteados e os grupos, ao invés de produzirem uma imagem, produzirão um texto que dê destaque ao sinal sorteado. Pode-se criar personagens (por exemplo, a senhora interrogação,

---

<sup>6</sup> A recorrente tatuagem do ponto e vírgula é um exemplo de como alguns sinais transcendem suas funções: este sinal foi escolhido em 2013 pelo *Semicolon Project* para simbolizar que X (por exemplo, a vida) não acabou apesar de Y (por exemplo, a depressão/a morte de ente querido).

uma idosa com escoliose que só faz perguntas); fazer com que o texto todo crie um clima que represente o sinal (por exemplo, uma história de mistério não resolvido para destacar o sinal de interrogação); abusar de um sinal (e, pelo uso frequente, dar relevo ao sinal); usar somente o sinal sorteado. Todos os textos seriam apresentados no mesmo dia, de modo que os alunos possam ter uma visão geral do sistema de pontuação.

Além dessas atividades específicas, o professor pode explorar os sinais de pontuação nas aulas de gramática, já que todos os sinais de pontuação funcionam como operadores sintáticos, marcando fronteiras de unidades sintagmáticas.

### **Considerações finais**

Ao longo deste texto, notamos que a prosódia é uma das funções dos sinais de pontuação – se vinculada à leitura em voz alta, não à fala em geral, como querem gramáticas, guias e manuais. Um narrador de audiolivros, por exemplo, tem somente os sinais de pontuação como guias para a sua performance.

Considerando que o texto escrito constitui um sistema diverso da oralidade, exploramos as dimensões sintática e enunciativo-discursiva dos sinais de pontuação com apoio de estudos desenvolvidos no âmbito da Linguística e Linguística Aplicada. Percebemos que, se há espaço para o enunciador, há também espaço para o uso criativo dos sinais de pontuação (como verificamos nos textos literários mencionados aqui). Isso não equivale a dizer que tudo é válido, visto que os sinais de pontuação são um produto histórico forjado ao longo de muitas páginas, papiros, pergaminhos etc. O uso consistente de sinais des-orientadores é que cria um estilo próprio e guia o leitor na percepção da forma e conteúdo do texto.

Neste estudo, delimitamos o conjunto de sinais de pontuação e percebemos que os onze sinais formam um sistema em que é possível fazer escolhas. Nossa proposta de ensino dos sinais de pontuação está ancorada na exploração das possibilidades através de diferentes escolhas que podem ser feitas e que são feitas em diversos textos empíricos. Se é verdade que se aprende a escrever lendo e escrevendo, acreditamos que o mesmo valha para a pontuação.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N.M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Saraiva, 1979.
- ANDROUTSOPOULOS, J. Digitalisierung und soziolinguistischer Wandel: Der Fall der digitalin Interpunktion. In: MARX, K.; LOBIN, H.; SCHMIDT, A. (Hrsg.). *Deutsch in sozialen Medien*. Interaktiv – multimodal – vielfältig. Berlin: de Gruyter, 2020, p. 75 – 94.
- ARAÚJO, E. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.
- AZEREDO, J.C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 4. Edição, São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018.
- BARON, N. S.; LING, R. Necessary smileys & useless periods: redefining punctuation in electronically-mediated communication. *Visible Language*, vol. 45 ½, p. 45-67, 2011.
- BENNE, C. Der Punkt. Vom Sinn des reinen Fürsichseins. In: ABBT, C.; KAMMASCH, T. (Orgs.) *Punkt, Punkt, Komma, Strich? Geste, Gestalt und Bedeutung philosophischer Zeichensetzung*. Bielefeld: Transkript Verlag, 2009, p. 41-60.
- BERNARDES, A. C. A. *Pontuando alguns intervalos da pontuação*. Tese de doutorado em Linguística defendida na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Campinas, 2002.
- CAMARA, T.M.N.L. *Pontuação: perspectivas e ensino*. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) do Programa de pós-Graduação da Faculdade de Letras, UERJ, Rio de Janeiro, 2006.
- CASTRO, E. M. M. Por que escrevemos? *O próprio poético: ensaio de revisão da poesia portuguesa atual*. São Paulo: Quíron, 1973, p. 15-16.
- CORRÊA, M. L. G. Pontuação: sobre seu ensino e concepção. *Leitura: teoria & prática*, n. 24, p. 52-65, 1994.
- CRYSTAL, D. *The fight for English: how language pundits ate, shot and left*. New York: Oxford University Press, 2007.
- COWELL, P.; HILDEBRAND, C. *This is me, period*. The art, pleasures and playfulness of punctuation. New York: Clarkson Potter Publishers, 2017.
- CUNHA, C., CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CUNHA, K. Z.; PORTO, M. M. Pausa para respirar: o papel da pontuação na leitura. In: OLIVEIRA, R. P.; QUAREZEMIN, S. (Orgs.) *Artefatos em gramática: ideias para aulas de língua*. DLLV/CCE/UFSC, 2020, p. 131-164.
- DACANAL, J. H. *Manual de pontuação: teoria e prática*. Porto Alegre: Edições Besourobox, 2016.
- DAHLET, V. Pontuação, língua, discurso. *Anais do GEL XXIV*, p. 337-340, 1995.

- DAHLET, V. Pontuação, sentido e efeitos de sentido. *Anais do XLV Seminário do GEL*, v. XXVII, p. 465-471, 1998.
- DAHLET, V. A pontuação e sua metalinguagem gramatical. *Revista Estudos da Linguagem*, v. 10, n. 1, p. 29 – 41, 2002.
- DAHLET, V. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006a.
- DAHLET, V. A pontuação e as culturas da escrita. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa* n. 8, p. 287 – 314, 2006b.
- DALLAROSA, A. R. Z. *A pontuação como movimentos do sujeito na escrita: pontos de reflexão*. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.
- FERRAREZI Jr., C. *Guia de acentuação e pontuação em português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2018.
- FIORIN, J. L. Semiótica e comunicação. *Galáxia*, n. 8, p. 13-30, 2004.
- FLUSSER, V. *Gesten: Versuch einer Phänomenologie*. Düsseldorf: Bollmann Verlag, 1997.
- HANSEN, J. A. *O que é um livro?* Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições SESC, 2019.
- JUNKES, T. K. *Trajetória da pontuação: da frase ao interdiscurso*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- KLEPPA, L-A. Entre reticências e exclamações: usos de sinais de pontuação em peças publicitárias de 1952. *Cadernos de Linguística*, vol. 2, n. 4, p. 1 – 23, 2021.
- KLEPPA, L-A. *Onze sinais em jogo*. Campinas: Editora Unicamp, 2019.
- KRAHN, A. *A new paradigm for punctuation*. Dissertation. University of Wisconsin – Milwaukee, 2014.
- LUKEMAN, N. *A arte da pontuação*. Tradução: Marcelo Dias Almada. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MARTINS FILHO, P. *Manual de editoração e estilo*. Campinas: Editora Unicamp; São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- MCCULLOCH, G. *Because internet: understanding the new rules of language*. New York: Riverhead Books, 2019.
- MOORE, N. What's the point? The role of punctuation in realising information structure in written English. *Functional Linguistics*, vol. 3, n. 6, p. 1-23, 2016.
- MORGENSTERN, C. *No reino da pontuação*. Traduzido por Tetê Knecht. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2010.

- NUNBERG, G. *The linguistics of punctuation*. Center for the Study of Language and Information. Leland Stanford Junior University, 1990.
- ROCHA, I. L. V. Flutuação no modo de pontuar e estilos de pontuação. *DELTA*, vol. 14, n. 1, p. 1 -9, 1998.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- RODRIGUES, V. V.; CIDADE, D, N. Desgarramento e pontuação em textos de vestibulandos. *Confluência*, n. 61, p. 124-156, 2021.
- SAVIOLI, F. P. *Gramática em 44 lições*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- SCHLECHTWEG, M.; HÄRTL, H. Do we pronounce quotation? An analysis of name-informing and non-name-informing contexts. Preprint to appear in *Language and Speech*, 63 (4), 2020.
- SONCIN, G.; TENANI, L. Emprego de vírgula e prosódia do português brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. *Filologia e Linguística Portuguesa*, vol. 17, n. 2, p. 473-493, 2015.
- TENANI, L. Vírgula ou ponto? Pausa ou entoação? Relação entre pontuação e fala na produção textual. Minicurso oferecido na *I Escola de Estudos Linguísticos do GEL*, 2020.
- WATSON, C. *Semicolon: The past, present, and future of a misunderstood mark*. Londres: Harper Collins, 2019 (livro digital, com paginação por posição).